



**Relato do II Encontro Urubá Terra
(Povo Xukuru do Ororubá, Aldeia Cana Brava)**

II Urubá Earth Meeting (Kuxuru do Ororubá Tribe, Cana Brava Village)

FECHINE, Renan¹; TERTULIANO, Aline²

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco, renanfechine@uol.com.br ; ²Universidade Federal Rural de Pernambuco, alinettertuliano@gmail.com

Resumo: O II Encontro Urubá Terra, realizado nos dias 28 e 29 de novembro de 2014, na Aldeia Cana Brava, Território Tradicional do Povo Xukuru do Ororubá, trouxe como temática: “Diálogos de Saberes e as vozes do Ororubá: resgatando a nossa cultura e protegendo a Mãe Natureza, nossas sementes, nossa resistência.” Com o objetivo de fortalecer as atividades de autoformação organizadas pelo coletivo de agricultura Jupago Kreká e apresentar os trabalhos de resgate das tradições Xukurus feitos pelas crianças indígenas nas diversas escolas da tribo, o encontro foi uma experiência muito rica que proporcionou o entendimento de como vivem os índios Xukurus na Serra do Ororubá, buscando plantar seu alimento, cultivar sua cura com as plantas medicinais e educar seus filhos para que em um futuro próximo, os costumes apagados por séculos de colonização encantem cada vez mais o território Xukuru.

Palavras-Chave: povos tradicionais; educação indígena; agricultura ancestral.

Abstract: The second meeting Uruba Earth, held on 28 and 29 November 2014, in Cana Brava Village, Traditional Territory of the Xukuru Ororubá People, brought as a theme: "Knowledge of dialogues and the voices of Ororubá: rescuing our culture and protecting Mother Nature, our seeds, our resistance. "in order to strengthen the self-training activities organized by the collective Jupago Kreka agriculture and to provide rescue efforts of Xukurus traditions made by indigenous children in the various schools of the tribe, the meeting was a very rich experience that provided an understanding of how to live the Xukurus Indians in the Serra do Ororubá, seeking their food plant, cultivate your healing with medicinal plants and educate their children so that in the near future, customs cleared by centuries of colonization enchant increasingly the Xukuru territory.

Keywords: traditional peoples; indigenous education; ancestral agriculture.



Contexto

O Povo Xukuru do Ororubá, ocupa um território de 27.525 hectares na serra do Ororubá, próximo ao município de Pesqueira/PE, dividido em 24 aldeias que englobam três regiões: Serra, Agreste e Ribeira, demarcado oficialmente em 2001, três anos após a morte do Cacique Xicão Xukuru, um mártir na luta pela retomada da terra.

O processo de invasão e colonização ao longo dos anos das terras Xukurus pelos fazendeiros, com um profundo aspecto aculturador, é a preocupação que move as lideranças a realizarem encontros para enfatizar a importância do resgate das práticas ancestrais no território agora demarcado, sempre dialogando com os mais velhos. A tribo está dividida em conselhos de agricultura, educação e saúde, que atuam para fortalecer cada vez mais seus espaços.

Nesse contexto, localiza-se o II Encontro Urubá Terra, com participação de diversas escolas espalhadas nas aldeias, mostrando suas experiências envolvendo uma educação que busca resgatar a tradição Xukuru com uma agricultura do bem viver, baseada nos preceitos da Limolaigo Toipe (Natureza Sagrada), uma agricultura que muito mais do que plantar, colher e comer, caracteriza um modo de vida em relação indissociável com a natureza.

O convite para participação aconteceu durante presença dos Xukurus na “1ª Jornada dos Povos de Pernambuco”. Na sua instalação, os Xukurus emocionaram, falando e trocando com os participantes sobre sua agricultura, sua medicina, seus rituais, artesanatos, educação, e claro, sua história de luta e resistência, principalmente antes da demarcação das terras. Com a experiência foi possível conhecer mais de perto seu modo de viver e suas experiências inspiradoras.

Descrição da Experiência

Os relatores participaram do encontro como observadores, isso permitiu um contato diferente com os presentes, a partir da curiosidade despertada pela presença no espaço, sem nenhuma ligação com as atividades desenvolvidas. Graças a essa maior autonomia propiciada pela condição exclusiva de observadores, foi possível obter informações e trocar experiências muito além das atividades oficiais do encontro, pois todos estavam amplamente abertos ao diálogo e a ensinar sua cultura.

Estavam presentes no encontro o Pajé Xukuru, o cacique Marcos Xukuru, as lideranças das aldeias, dos conselhos e dos coletivos. Também estiveram presentes extensionistas do Centro Sabiá – Centro de Desenvolvimento Agroecológico, professores da especialização em Educação Indígena da UFPE, a Organização da Juventude Indígena Potiguara (OJIP), alunos de sociologia da UNIVASF, alunos da UFRPE, além de outros profissionais envolvidos com os Xukurus.

O evento começou com um lindo Toré, ritual ancestral que busca a luz dos encantados através da dança circular com a marcação dos cajados de Jurema,



pulsando a vida na Terra. Antes de terem suas terras demarcadas, os Kuxurus tinham de dançar o Toré escondidos, com medo dos fazendeiros que dominavam a região, criminalizando outras práticas espirituais não cristãs, o que mantinha uma aura de intolerância e desrespeito para os índios que queriam praticar seus costumes. Por tudo isso e muito mais, o Toré sempre que dançado, emociona e traz os encantados (ancestrais sábios, que de outro plano, guiam as decisões de hoje) para o Encontro, deixando todos cientes de que estamos sob orientação deles, sempre.

A partir da abertura, sucederam-se diversas apresentações dos trabalhos desenvolvidos pelas escolas, todas procurando retratar o resgate da agricultura do bem viver, praticada pelos anciões Xukurus e que, historicamente, foi desvalorizada pela imposição das práticas e valores dos fazendeiros. Foi apresentado um teatro com uma encenação do processo do índio “escravo” que trabalhava a troco de nada, somente comida, além de não poder praticar nenhum de seus costumes tradicionais



indígenas e a mudança para os dias de hoje, com a liberdade do território conquistado.

Nas salas de aula, ocorriam exposição dos trabalhos produzidos ao longo do ano letivo pelas crianças, através de murais, maquetes, relatos escritos e cartazes, a maioria com as plantas que foram vistas nas visitas aos roçados dos agricultores, e muitas plantas medicinais também, outra preocupação no resgate de uma agricultura Xukuru, ou seja, o comer e o curar, ligados intrinsecamente. As crianças, totalmente empoderadas em seus trabalhos, falavam de suas experiências e descobertas, lembrando de fatos que ocorreram nas visitas e relacionando-os às experiências nas suas casas.



O dia seguinte começou com uma bela feira de troca de sementes crioulas. Muitos agricultores compareceram para ter acesso a sementes diferentes e conseguir aumentar a biodiversidade em seus roçados. Algumas espécies foram muito cobiçadas, como a fava rajadinha roxa, com poucas unidades e quem pegasse deixava nome e o local para o qual estava levando a semente, com o compromisso de multiplicá-las e levar no próximo encontro, em 2015. Muitas espécies foram trocadas, como a fava oreia-de-veio, milho maranhão, kabrucusso e o feijão guandú. Os discursos orgulhosos de agricultores que contribuíram doando garrafas com sementes mostra a força dos processos de autoformação do coletivo Jupago Kreká.

De tarde, ocorreram os minicursos, que envolviam três abordagens diferentes: “Limolaigo Toípe: a agricultura do bem-viver”, “O uso de plantas medicinais pelos Xukuru” e “Preparo de Alimentos Xukuru: kabrucusso e fava”. O minicurso que tratou da agricultura do bem viver Xukuru foi ministrado pelo cacique Marcos Xukuru (Marquinhos), que abordou diversos saberes ancestrais que se perpetuam no modo de se relacionar com a terra. São estes alguns dos princípios da agricultura do bem viver Xukuru: observar a barra dos ventos no alto da Serra do Ororubá, no começo do ano, para saber se o ano será de muita chuva ou não; saber, através da altura com que determinado pássaro faz sua casinha para o inverno, se no alto, esperando chuva que irá alagar o pasto, ou se no baixo, pois não espera muita chuva; sempre plantar na lua nova, quando a semente vai iniciar seu ciclo, e assim pode crescer de forma completa, dando seus frutos na hora esperada, pois, se plantamos na lua crescente a planta só vai crescer, crescer, crescer e demorará a dar seus frutos, segundo a tradição do calendário lunar. E acima de tudo, é preciso estar atento aos períodos de plantio, pois cada planta tem seu ciclo diferente.



Para terminar o encontro, foi realizada uma roda de diálogo para abordar o ensino indigenista na qual foi discutida a importância de rever os planos políticos pedagógicos das escolas (PPP), de forma a priorizar o que é importante para um índio aprender. Por exemplo, a efetivação do espaço de visita aos roçados dos mais velhos, feito como uma atividade pontual em algumas escolas Xukurus, é essencial, como forma de despertar, desde cedo nas crianças, a importância do plantar para a autonomia do seu povo, além de trazer também para a escola, os agricultores como protagonistas, passando seus conhecimentos em sala de aula. Assim, através da revisão dos PPP's, mexe-se no cerne da questão, valorizando e criando uma educação voltada ao resgate das tradições indígenas.

Outro ponto levantado foi o fato de muitos jovens Xukurus cultivarem o desejo de seguir uma vida “moderna”, com o sonho da universidade, a mudança para a cidade grande e os confortos e facilidades que o consumo pode trazer. A mescla, por exemplo, de diferentes momentos durante a realização da formação, como um semestre na universidade e um semestre na tribo, pode evitar a perda de vínculos que os quatro anos, no mínimo, longe do seu território, causam.

As refeições foram um episódio à parte, com os alimentos doados, o que possibilitou alimentações de mais alta qualidade, tanto de sabor quanto de nutrição, pois eram alimentos livres de agrotóxicos e plantados pelos Xukurus. Todos os preparos também foram baseados na alimentação típica deles, como pé de moleque, tapioca, fava, macaxeira, cuscuz, farinha de mandioca e batata doce.

Resultados

É indiscutível a importância de encontros como esse para o processo de autoformação dos Xukurus a partir do resgate das suas tradições. Foi possível ver o futuro Xukuru e o que estão fazendo para mais a frente ter índios cada vez mais engajados em atividades que valorizem seu povo. Esse processo não se mostra estático, até porque cada vez mais é preciso rever as intervenções a serem feitas, procurando adaptar-se à realidade, na qual há um contexto diferente daquele em que os ancestrais Xukurus viviam.

Dentro dessa ótica, é imprescindível que os processos organizativos dos Xukurus sejam pensados cuidadosamente, pois são muito evidentes as consequências dos processos históricos de dominação e aculturação que resultam na reprodução pelas novas gerações daquilo que aprenderam vivendo sob a “lei do branco”. Encontros com o que foi aqui relatado são essenciais para discutir com, sobretudo com os mais jovens, a situação atual do povo Xucuru e como chegaram a ela, problematizando a ideia corrente, mesmo entre eles, de que não há necessidade de “voltar ao passado”.

Para que esse movimento de resgate tenha continuidade e novos encontros aconteçam, sentimos ser essencial a estruturação de novos coletivos (importantes mecanismos de articulação entre os indígenas, permitindo uma troca



mais direta entre os envolvidos, através de processos de autoformação) dentro dos Xukurus, como o Grupo de Mulheres Indígenas Xukurú do Ororubá/PE; o Limolaigo Toype, formado pela juventude; e o Jupago Kreká, o mais antigo e consolidado, com o olhar cuidadoso com a agricultura. Além disso, é imprescindível o fortalecimento dos conselhos, ou seja, a linha mais institucional de organização Xukuru, para que seja possível lutar, principalmente fora do território, por ações que valorizem a educação, a agricultura e a saúde no Território Tradicional do Povo Xukuru do Ororubá.

Agradecimentos

Agradecemos ao Povo Xukuru do Ororubá por ter nos recebido tão bem, sempre atentos às nossas necessidades e nos convidando a visitar em suas casas, demonstrando uma hospitalidade que surpreende a quem não vive em aldeamento. Viva a Natureza! Viva os Encantados! Viva Cacique Xicão Xukuru!